



Infância, gênero, raça e classe nos romances caribenhos *Vasto mar de sargaços e La mulâtresse Solitude*

Childhood, Gender, Race and Class in the Caribbean Novels Vasto mar de sargaços and La mulâtresse Solitude

Karoline dos Santos Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Rio de Janeiro / Brasil

karolinesantos@id.uff.br

<https://orcid.org/0000-0001-7641-4961>

Resumo: O presente artigo tem como objetivo propor uma análise comparativa entre as personagens principais dos romances *La mulâtresse Solitude*, de André Schwarz-Bart, e *Vasto mar de sargaços*, de Jean Rhys. O recorte privilegiado neste artigo será o período da infância das duas personagens principais, levando em consideração as temáticas de gênero, raça e classe com a finalidade de comparar o cotidiano e dificuldades de uma criança negra e escravizada com o de uma criança livre e branca. Nossa análise será desenvolvida utilizando referenciais críticos e teóricos dos campos de estudos culturais, literatura e crítica literária, estudos de gênero, história e sociologia. O artigo busca contribuir para a divulgação de obras caribenhas, promovendo uma análise comparativa entre romances do caribe inglês e do caribe francês.

Palavras-chave: infância; caribe; raça; classe; gênero.

Abstract: This article proposes a comparative analysis between the main characters from the novels *La mulâtresse Solitude*, by André Schwarz-Bart and *Wide Sargasso Sea*, by Jean Rhys. The privileged feature in this article will be the childhood period of the two main characters, taking into account the themes of gender, race and class in order to compare the daily life and difficulties of a black and enslaved child with that of a free and white child. Our analysis will be developed using critical and theoretical references from the fields of cultural studies, literature and literary criticism, gender studies, history and sociology. The article seeks to contribute to the dissemination of Caribbean works by promoting a comparative analysis between English and French Caribbean novels.

Keywords: childhood; Caribbean; race; class; gender.

1 Introdução

Em seu artigo “A Caribbean madness: half slave and half free” (1984), a pesquisadora Charlotte H. Bruner compara rapidamente alguns aspectos que convergem e diferem entre as personagens Antoinette Cosway do romance *Vasto mar de sargaços*, de Jean Rhys, e Rosalie/Solitude do romance *La mulâtresse Solitude*, de André Schwarz-Bart. A análise que Bruner propõe nos leva a questionar a diferença entre essas duas mulheres que estão inscritas dentro do mesmo espaço geográfico: o Caribe. Contudo, elas divergem em questões específicas de raça, classe e questões culturais. Tanto Antoinette quanto Solitude acabam perecendo por conta dos poderes patriarcais. No entanto, as duas se tornam símbolos de resistência tanto para a Literatura quanto para a vida. No romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, temos a breve presença de Bertha Mason, conhecida como a louca do sótão e imortalizada como aquela que ousou queimar Thornfield Hall e destruir a personificação do poder patriarcal de Rochester, tornando-se um símbolo da literatura feminista contrapondo-se a *Jane Eyre*. Em *Vasto Mar de Sargaços*, Jean Rhys focaliza a narrativa de modo a explorar o passado e conceder protagonismo à louca do sótão. Para isso, ela renomeia Bertha e em *Vasto mar de sargaços* é utilizado seu segundo nome: Antoinette. A Mulata Solitude é uma figura histórica e símbolo de resistência da ilha de Guadalupe, tendo sido uma mulher escravizada que lutou contra a revogação da abolição na ilha de Guadalupe em 1802, foi condenada e enforcada após dar à luz ao seu único filho.

Nossa proposta é investigar o recorte do período da infância dessas duas personagens levando em consideração as diferenças e semelhanças entre as duas. A pequena Solitude e a pequena Antoinette passam pelo período de infância compartilhando sentimentos de rejeição, negligência maternal e opressão. Ambas são criadas na casa-grande, mas cada uma carrega um conceito diferente e experiência diferente do que é viver na casa-grande.

Entendemos que a infância é o período crucial para o desenvolvimento de uma consciência da alteridade. Antoinette e Solitude conseguem perceber, mesmo sendo crianças, que elas são sujeitos outrificados na sociedade em que vivem. Podemos dizer que o princípio de uma crise de identidade é instalado durante a infância e se perpetuará até a idade adulta quando haverá seu estopim. Duas infâncias bem distintas são apresentadas aqui, a infância de uma mestiça escravizada

que vive na casa-grande, e a de uma menina crioula branca, livre e filha de um latifundiário decadente.

O referencial teórico que compõe esse artigo tem caráter interdisciplinar visando um diálogo entre as áreas de Literatura, História, Ciências Sociais e teoria feminista. Mobilizamos alguns autores como: bell hooks (2019), Achille Mbembe (2018), Bernard Moitt (2001) e Lorena Telles (2018), para discutir questões sobre a violência de gênero como exemplo de afirmação do poder patriarcal, vivência e tensão dentro da casa-grande, o trabalho escravo infantil, o cotidiano de uma escrava na casa-grande e o cotidiano de uma menina livre e banca.

2 Mapeando os romances

O romance *La mulâtresse Solitude* (1972), escrito por André Schwarz-Bart juntamente com sua esposa Simone Schwarz-Bart, é um romance histórico em língua francesa que reconta a vida da Mulata Solitude, um símbolo de resistência na ilha de Guadalupe. André e Simone escrevem, juntos, o ciclo antilhano de 1750 a 1953 incluindo outros romances *Un plat de porc aux bananes vertes* (1967) e *L'âncetre en Solitude* (2015).

O livro *La mulâtresse Solitude* é dividido em duas partes. Na primeira parte, o objeto de narração é a história de Bayangumay, uma negra africana de origem diola que vive com sua tribo no continente africano até ser capturada por traficantes de escravos. Bayangumay é sequestrada e estuprada dentro no navio negreiro na travessia para o Caribe e ao desembarcar dá luz a Rosalie. Durante a infância, Rosalie tem esse nome devido ao costume dos Du Parc (senhores de engenho) de nomearem seus escravos com os mesmos nomes de outros que os antecederam na Plantação. Na fase adulta, Rosalie deixará de carregar o nome escolhido por seus senhores e passará a se autodenominar como Solitude. Rosalie nasce com um olho de cada cor: um verde e outro castanho, sendo a personificação da mestiçagem e carregando consigo elementos de origem africana e europeia. Rosalie é apelida de *Deux-Âmes* (Duas almas), esse apelido diz muito a respeito de seu entre-lugar como mestiça transitando entre os espaços dos brancos e negros e não pertencendo a nenhum deles. Rosalie cresce na casa-grande sob a vigilância de Mortier Père e devido a uma série de episódios traumatizantes, na fase adulta ela se auto renomeia por “Solitude”. *La mulâtresse Solitude* mescla fatos históricos relevantes da pequena ilha de Guadalupe com ficção sobre a vida de Solitude.

Vasto mar de sargaços (1966) é um romance caribenho escrito pela escritora dominiquense Jean Rhys. O romance reconta a vida da personagem Bertha Mason. Rhys reescreve a história de Bertha conferindo-lhe uma história, um passado, uma família e o poder de narrar sua própria história. Em *Jane Eyre*, Bertha era a esposa louca de Rochester que fora trancada no sótão. Ela é descrita como uma criatura decrépita e incapaz de produzir discurso, deixando a cargo de Jane e, principalmente, de Rochester o poder de contar sua história. Em *Vasto mar de sargaços*, Rhys nos apresenta o outro lado da história. Bertha se chama Antoinette e temos acesso à sua narração dos acontecimentos bem como as razões e fatos que corroboraram a sua “loucura”.

3 Cenas de violência: memórias da infância de uma criança escravizada na casa-grande

Na segunda parte do romance *La mulâtresse Solitude*, na parte intitulada *Solitude*, somos apresentados às dinâmicas de controle da Plantação Du Parc e ao nascimento da pequena Rosalie. Nas dinâmicas de controle podemos perceber que havia certa maneira de administrar a plantação visando a subtração da individualidade dos escravos, o que era muito comum e uma prática que vários senhores aderiam:

O du Parc utilizava o sistema de arquivos Perpétuos, que pressupõe um funcionamento estável e harmonioso, onde as necessidades dos homens e dos cavalos não variam. A lista de “forças” havia sido estabelecida de uma vez por todas: o nome dos mortos ia para os vivos que o devolviam quando chegava a hora, com a alma. Uma velha Rosalie morrendo foi distraidamente enterrada em um terreno baldio, um cemitério errante e temporário, que embelezaria futuras lanças de cana-de-açúcar. E a nova Rosalie tomou o lugar da antiga, com um grito fraco, no grande livro da Plantação. (SCHAWRZ-BART, 1972, p. 49, tradução nossa).¹

¹ Les du Parc employaient le système du Fichier Perpétuel, qui suppose une exploitation stable, harmonieuse, dont les besoins en hommes et en chevaux ne varient pas. La liste des « forces » avait été établie une fois pour toutes: le nom des morts allait aux vivants qui le rendaient le moment venu, avec l'âme. Une vieille Rosalie venant à mourir, on l'enterra distraitement dans un terrain en friche, cimetièrre errant, provisoire, qui embellirait les futures lances de canne à sucre. Et la nouvelle Rosalie prit la place de l'ancienne, en un cri léger, sur le grand livre de la Plantation. (SCHAWRZ-BART, 1972, p. 49).

No trecho acima temos uma breve exposição da vida que Rosalie e sua mãe, Man Bobette, teriam dentro da Plantação Du Parc. Man Bobette é o novo nome de Bayangumay a partir do momento em que ela se torna propriedade de Mortier Père. Tanto ela quanto sua filha são renomeadas de acordo com as escravas que viveram na Habitation Du Parc e morreram. O ato de renomear os escravos com nomes de outros escravos que serviram à família e morreram, demonstra o caráter de propriedade e altamente substituível dos escravos e, também, demonstra a tamanha violência simbólica do ato. Assim como se repõe um móvel quebrado, um escravo é repostado na Habitation Du Parc, totalmente desprovido da subjetividade que um nome carrega.

Rosalie é uma menina mestiça, filha de Bayangumay, uma escravizada que fora estuprada no navio negreiro por um traficante de escravos. Rosalie é criada dentro da casa-grande e atua como mucama da pequena Xavière, filha de Mortier Père. Por ser fruto de uma violência sexual e com isso carregar traços fenóticos que destoam dos traços maternos, Rosalie é negligenciada e preterida pela mãe, que procura em vão traços que possam associar a ela mesma, traços que façam referência à África, mas acaba vendo na filha a personificação de uma violência traumática.

Mortier Père, o gerente da Habitation Du Parc, ao ver a distinção de Rosalie perante as outras crianças escravas, seleciona a menina para ser criada na casa-grande sob seus cuidados, com a intenção de vendê-la posteriormente a um preço alto por conta de sua beleza que já é percebida durante a infância e, principalmente, seus olhos, tornando-a assim, um artigo de luxo.

A negra Bobette dera à luz um produto muito curioso, que prenunciava um grande valor futuro. Uma simples mestiça de olhos verdes havia arrematado três mil e quinhentas libras no leilão de Pointe-à-Pitre. Seria uma mulata talentosa, mas nada a impediria de adquiri-la, o Sr. Mortier cuidaria disso pessoalmente. (SCHWARZ-BART, 1972, p. 68, tradução nossa).²

² La négresse Bobette avait accouché d'un produit fort curieux, qui laissait présager une grande valeur future. Une métisse à simples yeux verts avait atteint trois mille cinq cents livres aux enchères de la Pointe- à Pitre. C'était-il est vrai une mulâtresse à talents, mais rien n'empêcherait celle-ci d'en acquérir, M. Mortier y veillerait en personne. (SCHWARZ-BART, 1972, p. 68).

Mortier Père sabe da história de uma escrava que era mestiça e foi vendida por um alto preço e nutre esperanças de que Rosalie renda-lhe futuramente um bom dinheiro por seus atributos físicos e domésticos. Para investir nesse empreendimento, ele impõe que a pequena seja educada à *la française*. “M. Mortier, confiante, deu-lhe aulas de costura, francês, harpa indiana e principalmente canto, porque, dizia ele, ela arrulhava como uma pomba.” (SCHWARZ-BART, 1972, p.79-80, tradução nossa).³ O cuidado de Mortier Père para com Rosalie era apenas o cuidado que se tem com um valioso objeto que não pode ser danificado até que cumpra seu objetivo econômico de render lucro futuramente. Como todo escravo, Rosalie é reificada, é um mero objeto que pertence a Mortier Père e ele exige que sua propriedade não seja danificada. Bayangumay não tem nenhuma autoridade sequer sobre a filha, nem a autoridade de manutenção da filha perto de si, nem a de agredir. A jovem mãe escrava, não se conforma com a violência de ter sido estuprada e desconta em Rosalie seu sofrimento, saudades de casa e outros sentimentos mais complexos. A menina aceita em silêncio as agressões da mãe na esperança de poupá-la dos castigos de Mortier Père.

Man Bobette, aproximou-se, ajoelhou-se, pôs a mão sobre olhos da menina, na boca, sobre seu coração que batia; e depois começou a bater em silêncio, visando principalmente os rins, costas, estômago. Man Bobette golpeava com uma espécie de regularidade distante, assídua, e de vez em quando parava abruptamente, murmurando com voz amuada, marcada pela nostalgia: Ai, essa carne só pensa em trair... A pequena Rosalie havia tomado o hábito de se calar sob os ataques de sua mãe, na esperança, na vã esperança de evitar os quatro piquetes. (SCHWARZ-BART, 1972, p. 63, tradução nossa).⁴

³ M. Mortier mis en confiance lui fit donner des leçons de couture, de français, de harpe indienne et surtout de chant, car, disait-il, elle roucoulait comme une colombe. (SCHWARZ-BART, 1972, p. 79-80).

⁴ Man Bobette qui s’approcha, s’agenouilla, posa une main sur les yeux de la petite fille, sur sa bouche, sur son cœur battant; et puis commença de la frapper en silence, visant particulièrement les reins, les dos, le ventre. Man Bobette frappait avec une sorte de régularité lointaine, assidue, et de temps à autre s’arrêtait brusquement, murmurant d’une voix boudeuse, empreinte de nostalgie: Hélas, cette chair ne songe qu’à trahir... L’enfant Rosalie avait pris l’habitude de se taire sous les attaques de sa mère, dans l’espoir, la vaine espérance de lui éviter un Quatre-Piquets. (SCHWARZ-BART, 1972, p. 63).

Após a fuga de sua mãe que a abandona sem olhar para trás, algum tempo depois Rosalie sabe que a mãe fugiu e formou uma nova família juntos aos *maroons*. “Um dia ele declarou que tinha visto a negra Bobette nas alturas de Soufrière, na companhia de uma horda de água salgada. Ela tinha cabelos, uma aparência jovem e surpreendente, dormiu com um negro alto, Arada, e acabara de dar à luz uma criança, também negra e bonita como uma semente de ajuru.”(SCHWARZ-BART, 1972, p. 79, tradução nossa).⁵ Essa informação é algo que contribui para que Rosalie fique chateada, uma vez que ela constantemente procurava a aceitação de sua mãe, pois conseguia perceber a diferença entre sua cor e a cor de sua mãe.

Mortier mantém vigilância constante na garota e a oferece como presente para sua filha Xavière, que tem a mesma idade de Rosalie. Xavière vê Rosalie como uma boneca viva e é no convívio com Xavière que Rosalie conhecerá as pequenas e grandes violências instituídas na casa-grande, as doces ameaças e tensões. Logo quando são apresentadas, Xavière ameaça punir Rosalie pelo fato dela não ter se dirigido a ela da maneira correta:

Xaviere franzindo a testa e dizendo com raiva: Você tem que dizer sim, senhora. E esta mestiça, Nini dizendo: Senhora, dê-lhe um frescor. E Fifine, acrescentando: Senhora, quatro piquetes. E então, para grande tristeza de M. Mortier, sua doce Xavière aprovando os preparativos e a curiosa mulata deitada de bruços, sem dizer uma palavra, depois de ter puxado devidamente o vestido sobre os lombos, enquanto cada uma das outras escravas a segurava pelo tornozelo ou pulso. E, por fim, a pequena senhora agarrando um bonito chicote de cabo de osso e erguendo-o com uma careta, como faz o capataz... Nesse momento, o Sr. Mortier reprimiu uma reclamação e, numa espécie de clarão, avistou a maldição com que o escravo arrastava seu senhor, os dois lados da mesma corrente que os ligava mais intimamente do que o amor; mas já, em vez de baixar o chicote, a brincalhona criança acariciava delicadamente a nuca e desatava a rir, imediatamente imitada pelos companheiros. Então ela ergueu a menina com as próprias mãos e disse-lhe com

⁵ Un jour, il déclara avoir vu la négresse Bobette sur les hauteurs de la Soufrière, en compagnie d’une horde d’eau salée. Elle avait des cheveux, un air surprenant de jeunesse, elle dormait avec un grand nègre Arada et venait de mettre au monde un enfant, aussi noir et joli qu’une graine d’icaque. (SCHWARZ-BART, 1972, p. 63).

um sorriso: Não sou como minha irmã Adelaide, nunca brinco com chicote. Mas você tem que me dizer senhora, caso contrário, papai não ficará feliz e minha irmã vai rir de mim. Então está entendido, você vai me chamar de senhora? (SCHWARZ-BART, 1972, p. 71-72, tradução nossa).⁶

A performance do ato violento da pequena Xavière, apesar de não ter sido concretizado totalmente, é um ato de violência contra a pequena escrava. O senhor soberano da casa é o M. Mortier Père, mas em sua ausência as figuras dominantes são as de suas duas filhas, a julgar pela ausência de herdeiro do sexo masculino. Mesmo com a provisória dominação feminina de Xavière e sua irmã, é possível perceber a violência do sexo feminino em par de igualdade. Xavière, apesar de ser mulher, é tão cruel quanto qualquer outro capataz.

Bell hooks (2019), no capítulo intitulado “O movimento feminista para acabar com a violência”, comenta a respeito da violência de gênero dentro da estrutura social do patriarcado.

Na hierarquia social do patriarcado capitalista e supremacista branco, os homens são os poderosos e as mulheres as que carecem de poder; os adultos são os poderosos, as crianças as que carecem de poder; as pessoas brancas as poderosas, as negras e não brancas as que carecem de poder. Nesse contexto, qualquer partido que ocupe o poder provavelmente fará uso da força para se manter no poder caso se veja ameaçado ou desafiado. (hooks, 2019, p.177).

⁶ Xavière fronçant les sourcils et disant d’un air fâché: Il faut dire oui maîtresse. Et cette quarteronne de Nini disant: Maîtresse, donnez-lui une fraîcheur. Et Fifine l’acidulée renchérissant là dessus: Maîtresse, à quatre piquets. Et puis à la grande tristesse de M. Mortier, sa douce Xavière approuvant les préparatifs et la curieuse mulâtresse s’allongeant sur le ventre, sans mot dire, après avoir proprement rabattu sa robe sur ses reins, cependant que chacune des autres esclaves la tenait par la cheville ou le poignet. Et enfin la petite maîtresse se saisissant d’un mignon fouet à manche d’os, et le soulevant en grimaçant, comme fait le Commandeur...A ce moment, M. Mortier étouffa une plainte et, en une sorte d’éclair, il entrevit la malédiction dans laquelle l’esclave entraînait son maître, tous deux rives à une même chaîne qui les reliait plus étroitement que l’amour; mais déjà, au lieu d’abaisser son fouet, la facétieuse enfant caressait doucement la nuque de la nouvelle et éclatait de rire, imitée aussitôt par ses compagnes. Puis elle releva la fillette de ses propres mains et lui dit en souriant: Je ne suis pas comme ma sœur Adélaïde, je ne joue jamais avec le fouet. Mais il faut me dire maîtresse, sinon papa ne sera pas content et ma soeur se moquera de moi. Alors c’est entendu, tu me diras maîtresse? (SCHWARZ-BART, 1972, p. 71-72).

A casa-grande é por si só a representação do poder patriarcal em que a figura do senhor é a detentora do poder. Entretanto, a jovem Xavière, mesmo na posição de mulher, detém autoridade sobre os escravos. Aqui temos a presença da mobilização de pelo menos duas categorias: raça e classe. Xavière, na posição de filha do senhor e de mulher branca, exerce sua autoridade abusiva sob as escravas negras. A categoria de gênero é irrelevante nesse caso, uma vez que não existe a noção de sororidade que seria configurada por uma rede de união e empatia entre mulheres. Temos duas meninas e o único aspecto em comum que compartilham é o gênero. No entanto, Rosalie, diferentemente de Xavière, é apenas uma escrava, e o escravo é nada além de uma propriedade, completamente destituído de subjetividade perante aos olhos dos senhores.

Esse episódio marca a chegada efetiva de Rosalie na casa-grande, é nesse ambiente tenso e instável que ela passará seus próximos anos, exposta a esse e outros episódios de violência. À Rosalie, resta somente se adaptar às normas da casa-grande cooperando com o Senhor e sendo obediente de forma a esconder de todos a resistência interna. “E ainda assim ela ia e vinha com seus afazeres na casa-grande, amigável com todos, indiferente à todos, e preocupada apenas em não mover a doce máscara colocada em seu rosto.” (SCHWARZ-BART, 1972, p. 72, tradução nossa).⁷

Após a fuga de sua mãe, Rosalie se torna uma criança completamente apática. Ela segue servindo a M. Mortier e Xavière, no entanto, sua atitude é sempre automática e completamente alienada. É importante ressaltar que nessa seção estamos abordando as dinâmicas domésticas na casa-grande, no entanto, a casa-grande está inserida dentro de um sistema mais amplo, que é o sistema de *plantation*. Achille Mbembe, no extrato abaixo, aponta que:

O que caracterizava a *plantation*, no entanto, não eram apenas as formas segmentárias de sujeição, a desconfiança, as intrigas, rivalidades e ciúmes, o jogo movediço das alianças, as táticas ambivalentes, feitas de cumplicidades e esquemas de toda espécie, assim como de canais de diferenciação decorrentes da reversibilidade das posições. (MBEMBE, 2018, p. 43).

⁷ Et cependant elle allait et venait à ses affaires, dans la grande case, amiable à tous, à tous indifférente, et soucieuse seulement de ne pas déplacer le masque doux pose sur ses traits. (SCHWARZ-BART, 1972, p.72).

Achille nos mostra que dentro desse local de tensão e desconfiança que é a casa-grande, há uma estratégia de sobrevivência a esse jugo que decorre da reversibilidade das posições. Em *La mulâtresse Solitude*, Rosalie é elevada de status social dentro da dinâmica de convivência da casa-grande. Ela passa de uma simples mestiça que antes dormira em uma cabana junto à mãe escrava e com os outros negros, a uma mucama que tem acesso à educação e refinamento, diferentemente de outras meninas escravas de pele escura.

Pode-se dizer que sua posição como mestiça lhe oferece vantagens que outras meninas negras não teriam. Dentro da estrutura da casa-grande, a mestiça é uma privilegiada. “De vez em quando, ele [M Mortier] trazia a criança para a casa-grande, onde era untada em óleo, lavada e adornada em todos os sentidos, para deixar claro o seu estatuto excepcional aos olhos de todos”. (SCHWARZ-BART, 1972, p.69, tradução nossa).⁸ Nesse trecho, M. Mortier deixa claro aos olhos de todos a distinção de Rosalie perante as outras escravas. Rosalie está em um entre-lugar. Sua condição de mestiça é um indício disso. Não pertence ao grupo de negros de pele escura, mas também não pertence junto aos brancos.

O historiador Bernard Moitt comenta a respeito da reversibilidade de papéis dentro da casa-grande:

Sem dúvida, a perspectiva de ser transferido de uma posição doméstica para outra ou para as gangues do campo era muito real e representava uma falta de segurança por parte dos escravos domésticos. Na verdade, raramente um escravo mantinha a mesma posição por toda a vida. (MOITT, 2001, p. 62, tradução nossa).⁹

A insegurança de ter sua posição destituída afetava constantemente as relações entre os escravos e os senhores e até mesmo as relações entre o próprio grupo de escravizados, tornando assim a casa-grande um local de tensão.

⁸ De temps en temps, il [M Mortier] faisait venir l'enfant au château, et huiler, laver, bouchonner de toutes les manières, afin de bien marquer aux yeux de tous son statut d'exception”. (SCHWARZ-BART, 1972, p.69)

⁹ Undoubtedly, the prospect of being shifted from one domestic position to another or to the field gangs was very real, and amounted to a lack of security on the part of the domestic slaves. Indeed, rarely did a slave retain the same position for life. (MOITT, 2001, p. 62).

Diferentemente do que muitos pensam, a vida de uma escrava na casa-grande não era nada fácil. Bernard Moitt traz algumas desvantagens do trabalho doméstico entre eles:

Uma era que as horas de trabalho eram indeterminadas para aqueles na casa-grande. Ao contrário dos escravos do campo, que podiam ter quase certeza de ter domingos e feriados de folga quando o Code Noir fosse respeitado, os escravos domésticos tinham apenas meio dia de folga periodicamente. Outra desvantagem, e talvez a mais séria, era a instabilidade, que afetava igualmente tanto escravos quanto escravas. (MOITT, 2001, p. 76, tradução nossa).¹⁰

A vida da escrava doméstica tinha o que podemos considerar de vantagens quando comparadas com a vida das escravas das plantações. Conforme Moitt (2001) aponta, vantagens relacionadas à acomodação, vestuário e possibilidade de aforreamento são citadas. Dentro do grande sistema de *plantation*, a posição mais desejada era trabalhar dentro da casa-grande, fugindo da exploração, do trabalho árduo dos campos de algodão ou cana de açúcar,

embora os escravos domésticos geralmente se saíssem melhor do que os escravos do campo, pois desempenhavam tarefas mais leves, recebiam vários privilégios, como melhor comida, roupas e acomodação na Casa Grande ou perto dela, e tinham acesso mais fácil à alforria, eles ainda eram escravos e permaneceram sujeitos ao caprichos e caprichos de seus donos. (MOITT, 2001, p. 57, tradução nossa).¹¹

A vida da mucama ou “escrava de portas adentro”, segundo Lorena Telles (2018), era relativamente mais tranquila do que a da escrava de

¹⁰ One was the hours of work were indeterminate for those in the Great House. Unlike the fields slaves, who could be virtually sure of having Sundays and holidays off when the Code Noir was respected, domestic slaves had only a half-day off periodically. Another, and perhaps the most serious drawback was instability, which affected male and female slaves alike. (MOITT, 2001, p. 76).

¹¹ While domestic slaves usually fared better than field slaves in that they performed lighter tasks, received various privileges such as better food and clothing and accommodation in or near the Great House, and had easier access to manumission, they were still slaves and remained subject to the whims and caprices of their owners. (MOITT, 2001, p. 57).

campo, no quesito de trabalhos físicos. O trabalho físico nas plantações de cana de açúcar era desgastante, enquanto o trabalho na casa-grande era relativamente mais leve, uma vez que a mucama se concentrava em tratar dos senhores e fazer serviços domésticos. Em contrapartida, a tensão de estar sob a vigília constante do senhor era algo que oprimia grande parte das escravizadas. Telles (2018) e Moitt (2001) concordam em vários aspectos sobre as vantagens e desvantagens da vida da escrava doméstica. Telles afirma que:

Em particular mucamas e amas de leite, incumbiam-se da prestação dos serviços mais íntimos e pessoais à família senhorial. Vivenciada nos espaços internos das casas, a ocupação de ama de leite inseriu mulheres escravizadas numa teia complexa de relações sociais, geradas em meio ao cotidiano tenso envolvendo trabalho supervisionado e práticas de domínio paternalista. Caprichos, humilhações e ataques violentos de raiva, por parte de suas donas e donos, conviviam com a concessão de privilégios: melhor alimentação, fornecimento de vestuário e a possibilidade da alforria. (TELLES, 2018, p. 101-102).

Mesmo Rosalie sendo uma criança, nada a excluía de cumprir afazeres domésticos dentro da casa-grande. As tarefas eram leves quando comparadas com os afazeres nas plantações, no entanto, é preciso ressaltar que o trabalho começa muito cedo para a criança escrava.

As tarefas eram irrisórias e de uma facilidade infantil em comparação com as tarefas do campo: assim que tocava o sino, lavávamos-nos com cuidado, afastávamos o cheiro de negra e depois nos vestíamos de maneira marota ajudávamos os de cabelos crespos a fazer um penteado decente, íamos à cozinha comer manga ou creme de leite. Então corremos para o quarto dos fundos e esperamos nossa senhora acordar. (SCHWARZ-BART, 1972, p. 74, tradução nossa).¹²

¹² Les tâches étaient dérisoires, et d'une facilité enfantine au regard des champs: sitôt la cloche, on se lavait soigneusement, on chassait l'odeur de négresse et puis l'on s'habillait de façon coquine, on aidait celles aux cheveux crépus à se faire une coiffure décente, on s'en allait à la cuisine déjeuner d'une mangue ou d'une crème au lait. Ensuite, on se précipitait vers la chambre du fond et l'on attendait le réveil de sa maîtresse. (SCHWARZ-BART, 1972, p. 74).

A vida de Rosalie se resumia a ser escrava doméstica dentro da casa-grande. O período da infância foi tomado e revertido para uma série de afazeres domésticos, os insultos, agressões e ameaças de tortura de sua *mâitresse* (senhora). Conforme Moitt (2001) afirma, o tempo livre do escravo doméstico era pouco devido às longas horas e, praticamente, convivência diária com o senhor. Rosalie era uma criança que teve seu período de brincar tomado pelas duras imposições da escravidão.

4 Cenas de preconceito: a pobreza como signo da diferença

O contexto histórico em que *Vasto mar de sargaços* se passa é no ano após o Ato de Emancipação de 1833, que libertou os escravos. Antoinette é filha de um latifundiário decadente de origem inglesa com uma mulher crioula de origem martinicana. Apesar de pertencer à antiga classe hegemônica da ilha, a dos latifundiários, após a ruína de seu pai, Antoinette e sua família são reduzidas a nada. A família faz parte de um grupo que é duplamente excluído e não aceitado pelos negros livres que os chamam de “negros brancos” (RHYS, 2012, p. 19), e tampouco pelos brancos ricos da ilha que os veem como inferiores.

Antoinette, por ser uma filha de um latifundiário que possuía propriedades e escravos, faz parte de uma burguesia insular, os chamados *Bekés*, que são os descendentes de franceses proprietários de terras e escravos. A parte ruim das memórias da infância de Antoinette se configura na negligência maternal, no preconceito de classe por conta da atual condição financeira e social de sua família.

A primeira parte de *Vasto mar de sargaços* é largamente marcada pelas lembranças da infância de Antoinette na Jamaica. Lembranças que vão desde a exuberante flora caribenha até os episódios de pobreza, preconceito e terror vividos por Antoinette e sua família. Diferentemente da infância de Solitude, a de Antoinette pode relativamente ser considerada como boa.

Na infância Antoinette conhece Tia, uma menina negra que se torna sua única e melhor amiga. Os episódios narrados por Antoinette rememoram suas perambulações no cenário caribenho natural. Banhos de rio e de poço, comida típica caribenha, misturados aos tons fortes da exuberante vegetação molduram o retrato da infância caribenha ao ar livre:

Logo Tia ficou minha amiga, e eu me encontrava com ela quase todas as manhãs na curva da estrada que ia dar no rio. Às vezes nós saíamos do poço ao meio-dia, às vezes ficávamos até o final da tarde. Então Tia acendia uma fogueira (o fogo sempre acendia para ela, pedras afiadas não cortavam os seus pés descalços, eu nunca a vi chorar). Nós cozinhávamos bananas-verdes numa velha panela de ferro e as comíamos com os dedos numa cabaça, e depois de comer ela adormecia imediatamente. Eu não conseguia dormir, mas não ficava inteiramente acordada, deitada ali na sombra, contemplando o poço – profundo e verde-escuro sob as árvores, verde-amarronzado se tivesse chovido, mas de um verde faiscante sob o sol. A água era tão limpa que dava para ver as pedrinhas no fundo da parte rasa. Azuis e brancas e listradas de vermelho. Muito bonito. (RHYS, 2012, p.18).

Após a morte do Sr. Cosway, a família de Antoinette acaba se encontrando em um estado de inércia. A mãe, Annette Cosway, agora viúva se torna responsável pela manutenção da fazenda Coulibri que está em ruínas, responsável pela custódia dos filhos e dos negros livres que trabalham em Coulibri. No trecho abaixo, um diálogo entre Tia e Antoinette crianças, sendo possível perceber a miséria que a família se encontra após a morte do pai de Antoinette:

Ela disse que não foi isso que ouvira dizer. Ouvira dizer que nós todos estávamos pobres como mendigos. Comíamos peixe salgado – não tínhamos dinheiro para peixe fresco. Que a casa estava tão cheia de goteiras que era preciso correr com uma cabaça para aparar a água quando chovia. Tinha muita gente branca na Jamaica. Gente branca de verdade, que tinha muito ouro. Eles não olhavam para nós, não chegavam perto de nós. Gente branca de antigamente não passava de negro branco agora, e negro preto era melhor que negro branco. (RHYS, 2012, p. 19).

Os ingleses que vem para a Jamaica, os chamados “brancos de verdade”, tinham dinheiro e status na ilha, os “negros brancos”, no caso, a família de Antoinette, que perdeu o prestígio social juntamente com a condição financeira, é uma classe tratada com desprezo até pelos negros, ex-escravos da ilha. A opressão em *Vasto mar de sargaços*, dentro do recorte do período da infância de Antoinette na Jamaica, é em grande parte fomentada pela exclusão social. A família de Antoinette sofre com o

escárnio dos ex-escravos devido à sua ruína econômica e a classificação de sua família nos *low ranks* (classes mais baixas).

Durante a infância, Antoinette permanece na miséria e a única forma que Annette consegue prospectar para reestruturar sua família e sua vida é adquirindo segundas núpcias com um homem inglês. Eis que aparece o Sr. Mason, um latifundiário inglês rico, com propriedades em várias ilhas caribenhas, inclusive na Jamaica. Através do casamento com o Sr. Mason, Annette ascende socialmente voltando a possuir o status de outrora.

A negligência materna é um tema comum presente nos romances *La mulâtresse Solitude* e *Vasto mar de sargaços*. Annette, a mãe de Antoinette, expressa mais preocupação e cuidado com o filho mais novo, Pierre, que é uma criança especial. Antoinette busca o carinho e atenção da mãe embora raramente os receba. O cuidado excessivo com Pierre desperta em Antoinette um sentimento de preterimento e de que a preferência materna é do filho mais novo.

Um vinco formava-se entre suas sobranceiras negras, profundo – parecia cortado com uma faca. Eu detestava aquele vinco, e uma vez toquei-lhe a testa tentando analisá-lo. Mas ela me empurrou, não com estupidez, mas calmamente, friamente, sem dizer uma palavra, como se tivesse decidido de uma vez por todas que, para ela, eu era inútil. Ela queria sentar com o Pierre ou andar para onde quisesse sem ser incomodada, ela queria paz e tranquilidade. Eu já tinha idade para cuidar de mim. (RHYS, 2012, p.14).

É na figura de Christophine, ex-escrava de Anette, que Antoinette consegue vislumbrar a figura de uma mãe. Christophine é dada de presente de casamento para Anette e as duas saem da Martinica e se estabelecem na Jamaica. Após o Ato de Emancipação, que determinou o fim da escravidão nas ilhas inglesas, Christophine permanece na companhia de Anette e sua família, com o status de mulher livre. Na ausência de Anette, Christophine cuidava de Antoinette como a uma filha. É através de Christophine e Tia que a ligação de Antoinette com o Caribe se fortalece. Ambas são negras e representam o grupo étnico que Antoinette gostaria de pertencer. É com Christophine que Antoinette aprende o *patois* da Martinica e passa a apreciar a culinária caribenha. As lembranças da infância de Antoinette são trespassadas por cores, lugares exóticos e sabores.

Então eu passava a maior parte do tempo meu tempo na cozinha, uma construção separada, um tanto afastada da casa, Christophine dormia no quatinho ao lado. Quando caía a noite, ela cantava para mim se estivesse com vontade. Nem sempre eu conseguia entender suas canções em patuá – ela também era da Martinica. (RHYS, 2012, p.14).

Antoinette se encontra em um entre-lugar de não pertencimento. Ela não é negra como os ex-escravos e não é branca e rica como os ingleses que se estabelecem nas ilhas. Ela é apenas uma crioula nascida na ilha, que não é europeia e nem rica. A questão étnica em *Vasto mar de sargaços* aparece na forma de preconceito e rejeição dos negros contra os brancos crioulos. Um episódio extremamente traumático relacionado a rejeição para Antoinette foi quando os negros serviçais de Coulibri queimaram a fazenda e sua família teve que fugir. Essa passagem marca a rejeição dos negros e a impossibilidade de manter uma convivência com os brancos da ilha.

A casa estava queimando, o céu amarelo-avermelhado parecia o pôr do sol, e eu soube que nunca mais tornaria a ver Coulibri. Não restaria nada, as samambaias douradas e as samambaias prateadas, as orquídeas, os lírios e as rosas, as cadeiras de balanço e o sofá azul, o jasmim e a madressilva, e o retrato da Filha de Miller. Quando eles terminassem, não restaria nada, a não ser paredes escuras e a pedra de montar. Isso sempre ficava. Não podia ser roubado nem queimado. Então, não muito longe, eu vi Tia e a mãe dela, e corri para ela, pois ela era tudo o que restara da minha vida como tinha sido. Nós tínhamos comido a mesma comida, dormido lado a lado, tomado banho no mesmo rio. Enquanto corria, eu pensava: Vou morar com Tia e ser igual a ela. Não deixar Coulibri. Não ir embora. Não. Quando cheguei perto, vi a pedra em sua mão, mas não a vi atirá-la. Também não a senti, só uma coisa úmida, escorrendo pelo meu rosto. Olhe para ela e vi seu rosto contorcer-se quando ela começou a chorar. Olhamos uma para a outra, sangue no meu rosto, lágrimas no dela. Era como se eu estivesse vendo a mim mesma. Como num espelho. (RHYS, 2012, p. 40).

Antoinette é obrigada a abandonar Coulibri ao fugir com sua família do incêndio. Coulibri é o lugar onde ela teve as melhores e memórias mais significativas de infância. A atitude de Tia representa simbolicamente a

rejeição por parte da cultura caribenha negra que Antoinette foi imersa desde criança. O ato de atirar uma pedra em Antoinette representa o repúdio dos negros para com ela. Tia e Christophine são a ponte que liga Antoinette a cultura negra, e essa ponte foi parcialmente quebrada com essa atitude de rejeição por parte de Tia. Entretanto, Christophine continua sustentando parte dessa ponte.

5 Conclusão

As experiências do período da infância em *Vasto mar de sargaços* e *La mulâtresse Solitude* são similares em vários aspectos apesar de as personagens serem muito diferentes. Elas compartilham sentimentos parecidos em situações similares, mas estão inseridas em contextos diferentes. Enquanto uma é uma escrava, a outra é uma *mâitresse* decadente.

Em *Vasto mar de sargaços*, a questão do pertencimento marca bastante a obra, uma vez que é essa busca para pertencer que motiva Antoinette a criar laços com Christophine e Tia. Antoinette sofre bastante com a exclusão de sua família. Primeiramente, pelo fato de serem estrangeiros (de origem martinicana) em território Jamaicano. Vestígios desse fator cultural e linguístico são demarcados no romance, visto que Antoinette fala inglês e o *patois* martinicano, que aprendeu com Christophine.

Antoinette, mesmo sendo excluída da sociedade por questões financeiras e étnicas, aparenta ter uma infância parcialmente saudável, pois não é uma criança escravizada e tem a liberdade para preencher seu tempo livre com atividades de lazer, como por exemplo: brincar e se divertir. Antoinette teve a oportunidade de apreciar a flora caribenha perambulando por entre florestas e rios com tempo livre para apreciar as belezas naturais da ilha. É na amizade de Tia que Antoinette compartilha um sentimento de intimidade e de semelhança. Rosalie, por outro lado, esteve confinada na casa-grande servindo à Xavière e fazendo afazeres domésticos. A única figura com quem a menina mantém proximidade é a figura materna. A infância da criança escravizada é regada de obrigações, e por mais que sejam leves, não deixam de ser obrigações que a preparam para uma vida adulta de servitude. É como se já na tenra idade os senhores já ensinassem como a dinâmica de produtividade da casa-grande funciona.

As infâncias das duas personagens principais são marcadas fortemente pela negligência materna. Pode-se dizer que se trata de um traço característico que une os dois romances. Man Bobette e Annette aparentam não se importar com suas filhas e a falta de sustentação desse laço materno culmina em uma busca por uma mãe substituta. Antoinette encontra em Christophine uma figura materna, enquanto Rosalie transporta essa figura para outras mulheres mais velhas que possam cumprir o papel de “mãe”. Tanto Annette quanto Man Bobette se distanciam de suas filhas, passando a dar mais atenção para outros filhos. No caso de Man Bobette, os rumores de que após sua *marronage* ela teve um filho com um negro, traumatizam a pequena Rosalie. O abandono materno da única figura familiar que Rosalie tinha foi um grande trauma para a menina. Já no caso de Annette, o filho mais novo, Pierre, era uma criança especial que obviamente exigia mais cuidados do que Antoinette. A preocupação excessiva com o bem-estar do menino provocava uma espécie de ciúme e de senso de preterimento em Antoinette.

Dentre os elementos que convergem nos dois romances, as formas diferentes de opressão é um item a ser destacado. Em *Vasto mar de sargaços*, a opressão ocorre fora do núcleo familiar. Antoinette tenta, sem sucesso, pertencer a um grupo étnico do qual ela não faz parte e não é bem-vinda. Ela se encontra em um entre-lugar, na posição de uma menina branca crioula e caribenha. Não é inglesa como os habitantes mais ricos da ilha e não é negra como os ex-escravos. Ela é pobre e sua pobreza é uma marca discriminatória. A principal opressão que Antoinette sofre no período da infância é a discriminação social. Somente após o casamento de sua mãe com o Sr. Mason que o status da família é elevado, fazendo com que o escárnio relacionado a situação social da família seja cessado.

Em *La mulâtresse Solitude*, a opressão vem para Rosalie através dos episódios violentos em que sua mãe a agride fisicamente, os abusos de Xavière e suas constantes ameaças de tortura. Para Rosalie, a maior opressão está relacionada ao seu status de escravizada. Ela é um objeto que pode ser torturado e maltratado a qualquer momento, a depender da vontade do senhor. A questão econômica ligada à falta de liberdade do escravo parece ser mais proeminente aqui. Rosalie é um bem que pertence a alguém, ela é destituída de sua subjetividade como ser humano e sobrevive ao jugo dos senhores, diferentemente de Antoinette, que performa o papel de *mâitresse* em Coulibri. É importante ressaltar que *Vasto mar de sargaços* acontece nos anos após o Ato de Emancipação,

então, trata-se de um período de transição entre a escravidão para o momento pós-abolição. Durante essa transição ainda é muito forte a figura do senhor e da senhora. Mesmo Antoinette não possuindo mais escravos, seus serviçais são todos negros.

A casa-grande tem significados diferentes para cada uma dessas meninas. Para uma, a casa-grande representa o domínio do senhor e da senhá, um local de tensão e sem estabilidade. Um local em que a depender do humor do senhor ou da senhá, você pode ser favorecido ou torturado. Para outra, o mesmo local representa o abrigo decadente que a protegerá do mundo lá fora, representa um conjunto de lembranças de odores, sabores, cores características. A experiência de viver na casa-grande apresenta uma dialética para as duas personagens. Para Rosalie, na condição de escrava, representa tensão e para Antoinette, uma menina livre, representa segurança.

As duas meninas compartilham experiências da infância similares em alguns aspectos, como por exemplo: a negligência maternal, rejeição pelo grupo étnico que elas preferem. Em contrapartida, os determinantes de raça e classe são cruciais para a diferenciação entre as duas infâncias descritas.

Referências

BRONTË, C. *Jane Eyre*. Berkshire: Penguin, 1994.

BRUNER, C. *A Caribbean Madness: Half slave and Half free*. *Canadian Review of Comparative Literature: Revue Canadienne de Littérature Comparée*, Edmonton, v. 11, n. 2, p. 236-248, 1984. Disponível em: <https://journals.library.ualberta.ca/crci/index.php/crci/article/view/2633/2028>. Acesso em: 31 ago. 2020.

hooks, b. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução de Reiner Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MOITT, B. *Women and Slavery in the French Antilles 1635-1848*. Bloomington: Indiana University Press, 2001.

RHYS, J. *Vasto Mar de Sargaços*. Tradução de Léa Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

SCHWARZ-BART, A. *La mulâtresse Solitude*. Paris. Éditions Points, 1972.

TELLES, L. F. S. Amas de Leite. In: SCHWARCZ, L. M.; GOMES, F. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 101-108.

Recebido em: 30 de junho de 2020.

Aprovado em: 1º de setembro de 2020.